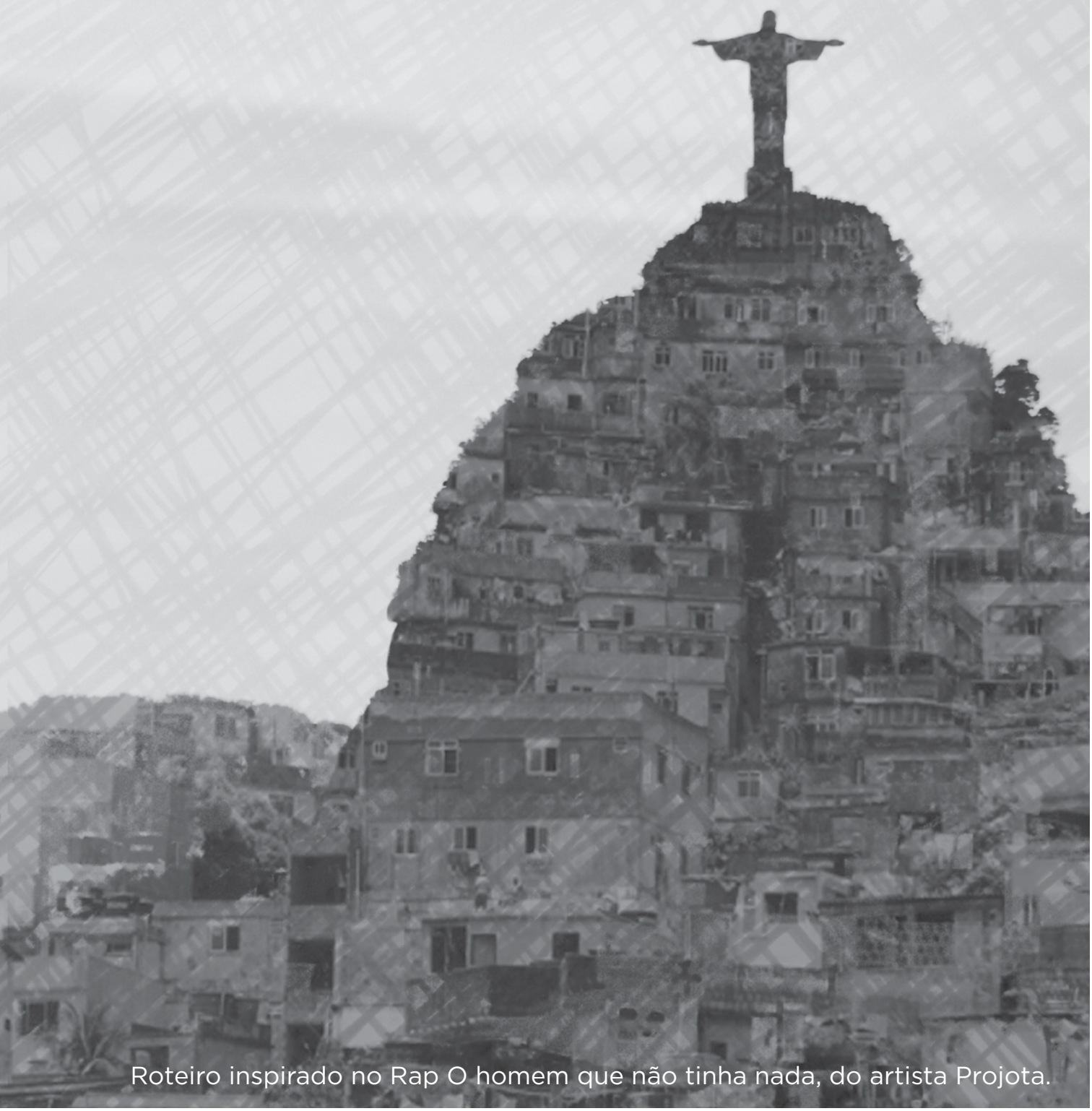


Carlos Henrique Moraes

O HOMEM QUE NÃO TINHA NADA



Roteiro inspirado no Rap O homem que não tinha nada, do artista Projota.

Créditos

Roteiro Original: Projota
Orientação: Paulo Roberto Pires
Adaptação: Carlos Henrique Moraes
Ilustração: Carlos Henrique Moraes
Diagramação: Carlos Henrique Moraes

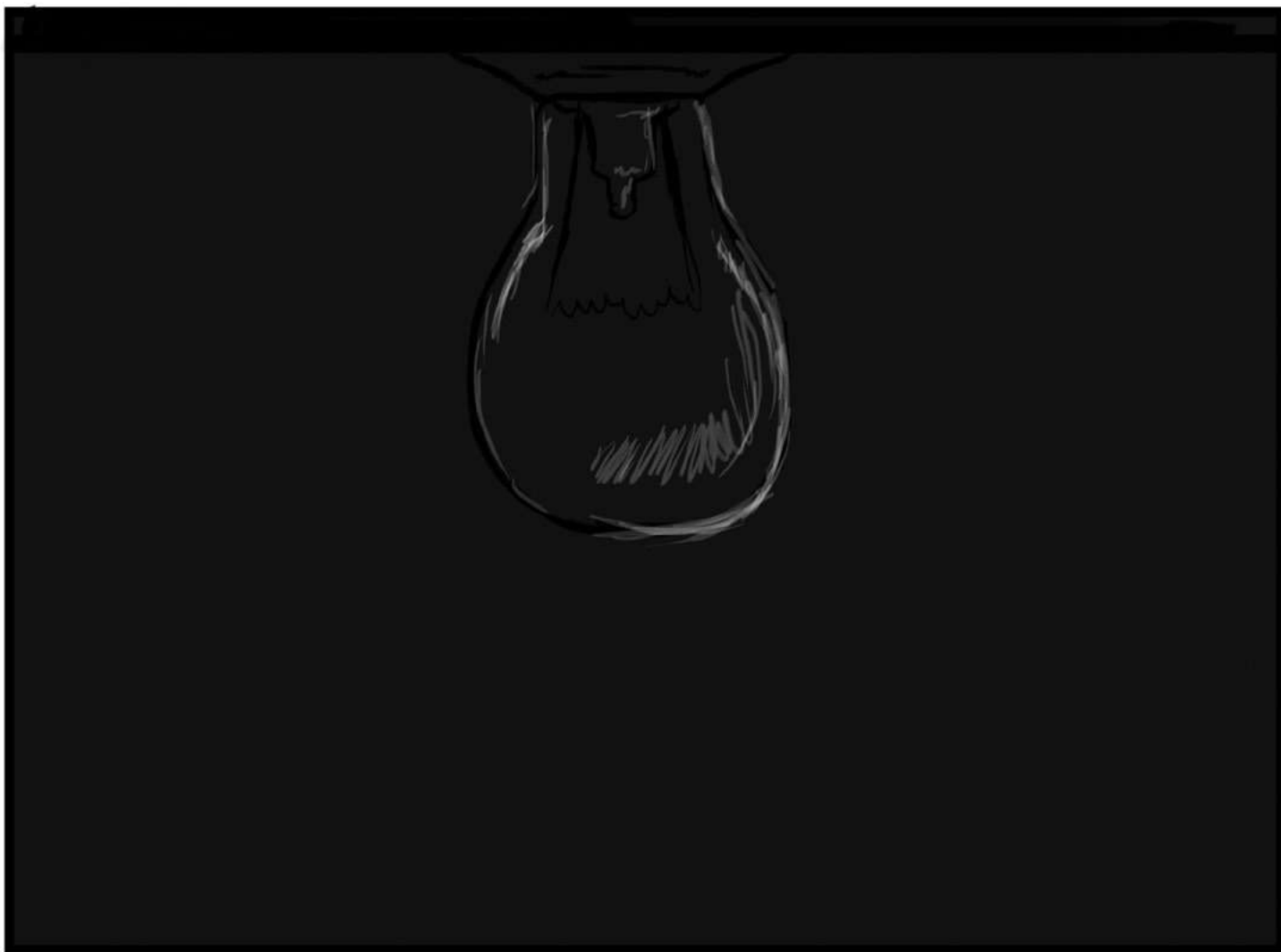
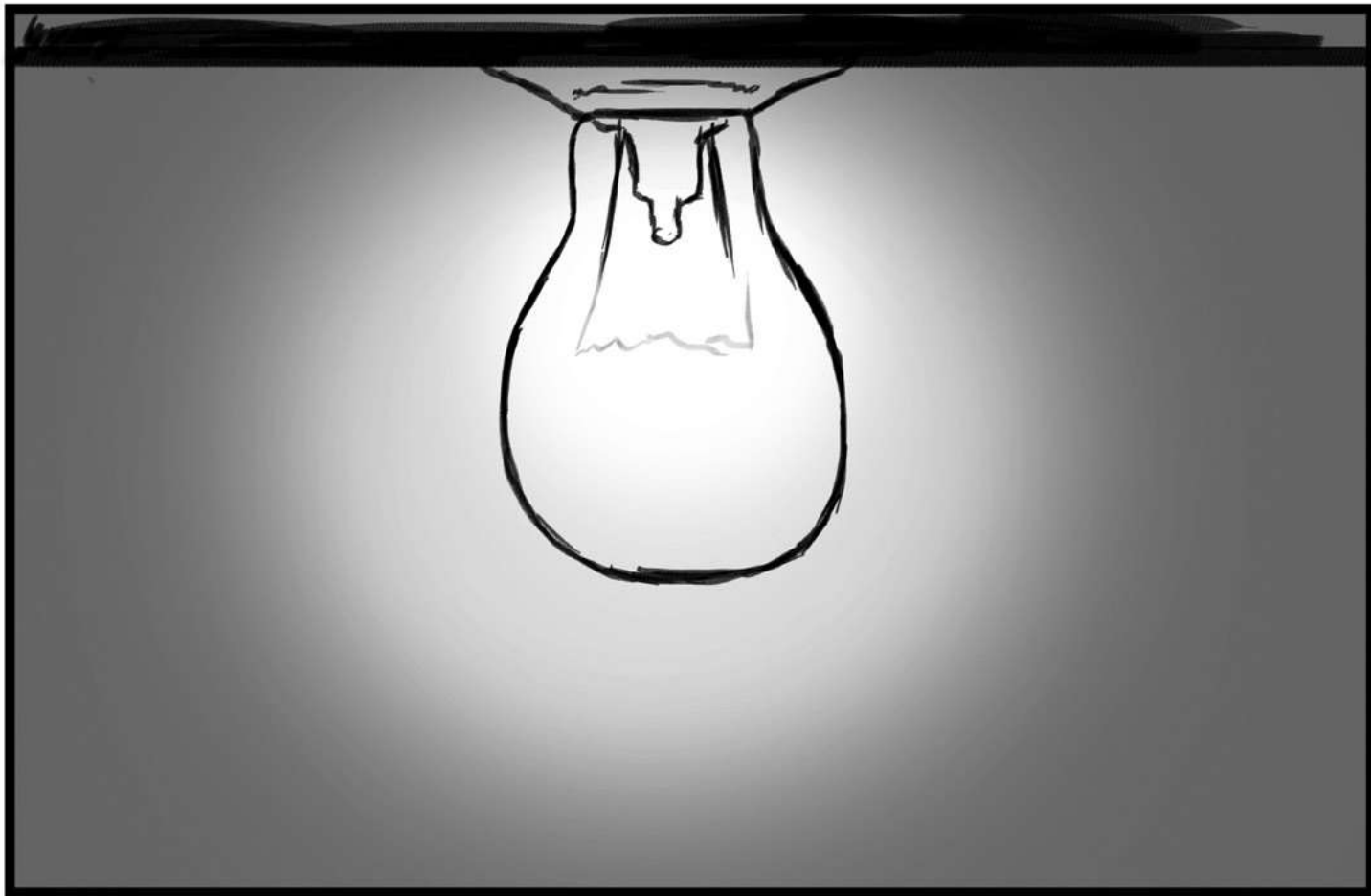
Esse quadrinho acompanha o relatório prático
“O homem que não tinha nada: O rap em quadrinhos”

CIP - Catalogação na Publicação

MM827h Moraes, Carlos Henrique
O homem que não tinha nada: O rap em quadrinhos
/ Carlos Henrique Moraes. -- Rio de Janeiro, 2016.
38 f.

Orientador: Paulo Roberto Pires.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola da
Comunicação, Bacharel em Comunicação Social: Produção
Editorial, 2016.

1. Quadrinhos. 2. Rap. 3. Hip Hop. 4. Adaptação.
5. Violência. I. Pires, Paulo Roberto, orient. II.
Título.





Este sou eu, voltando do trabalho...

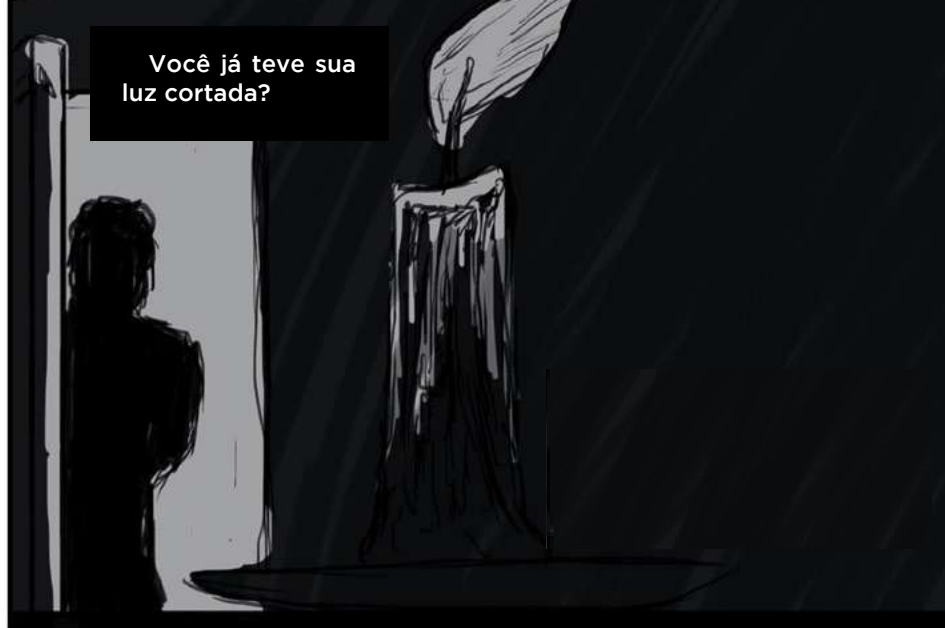
...cansado, como sempre.

BZZZ



E este sou eu, recebendo uma notícia ruim

Oi, querida
já estou no ônibus.
...
Ok, já estou chegando.



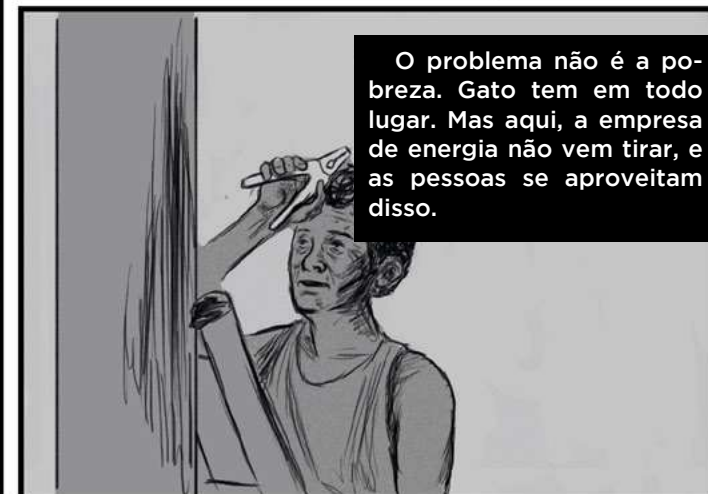
Você já teve sua luz cortada?



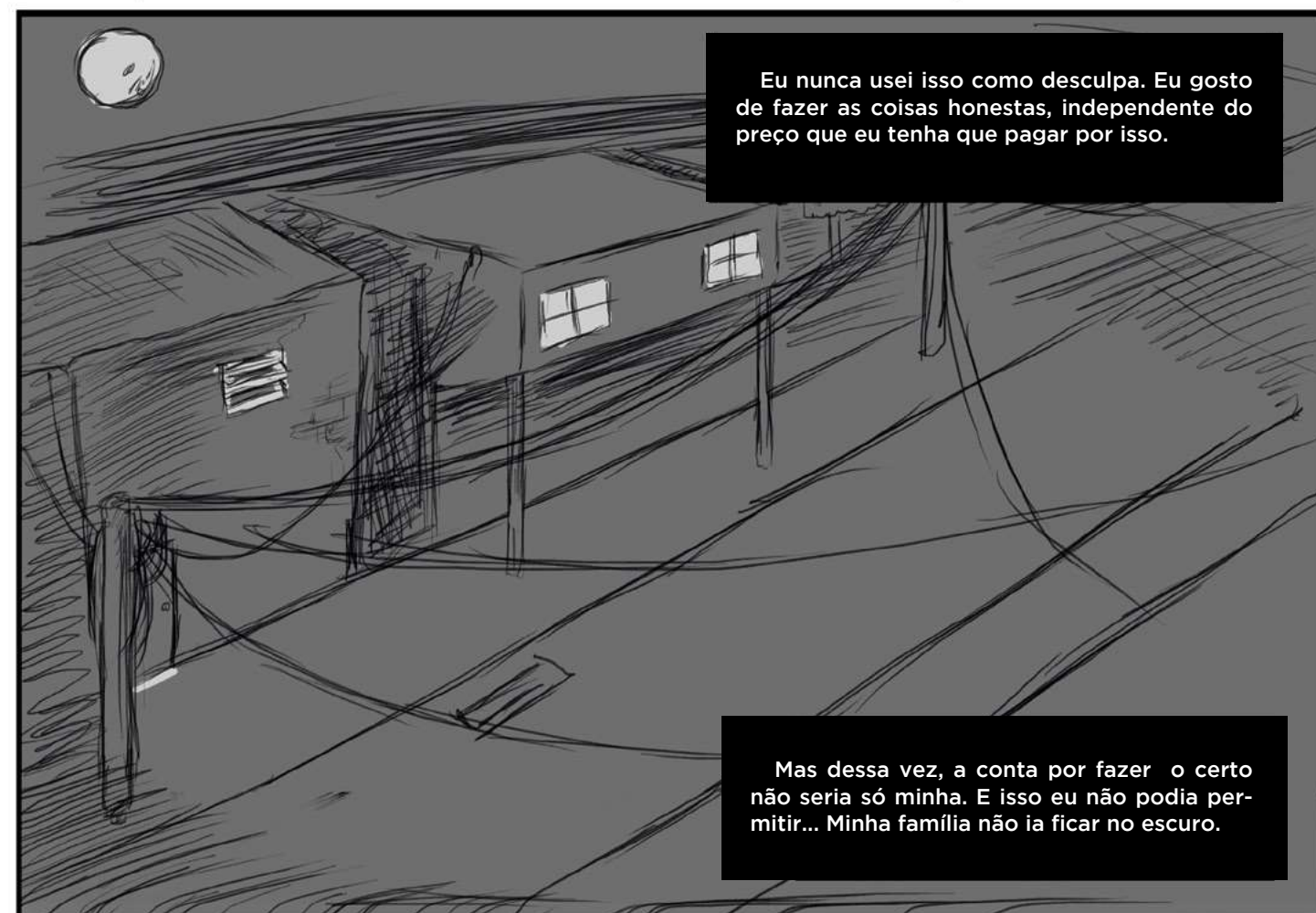
Onde eu moro, pobreza não é novidade.



Os postes daqui parecem novelos de tanto gato na fiação



O problema não é a pobreza. Gato tem em todo lugar. Mas aqui, a empresa de energia não vem tirar, e as pessoas se aproveitam disso.



Eu nunca usei isso como desculpa. Eu gosto de fazer as coisas honestas, independente do preço que eu tenha que pagar por isso.

Mas dessa vez, a conta por fazer o certo não seria só minha. E isso eu não podia permitir... Minha família não ia ficar no escuro.

Dentro de casa encontro o motivo para continuar seguindo em frente e me esforçando cada vez mais.



Eu perdi meus pais cedo, e sinto falta deles. Por isso, sempre que posso, abraço e beijo meus filhos. Não quero que eles sintam que falta carinho do pai para eles.

Obrigada, meu bem. Agora vai tomar seu banho, enquanto ponho sua janta

Vou sim, querida. Obrigado.



Aproveita mesmo, coroa. Porque com luz dá pra tomar banho quente, haha

Para de falar besteira e toca aqui, moleque.



Tive um dia cansativo no trabalho, e esse problema com a luz me estressou demais...



Espero que um bom banho me ajude a relaxar um pouco, e pensar numa solução.





Vamos orar, pra gente jantar.

Já agradeceram à sua mãe pela comida?

Já sim, Pai!



Ó Deus, obrigado por esse alimento, conquistado com trabalho honesto.

Peço que o senhor nos abençoe, e sempre nos permita ter esse alimento na mesa.

Amém.

Amém.

Amém.

Amém.



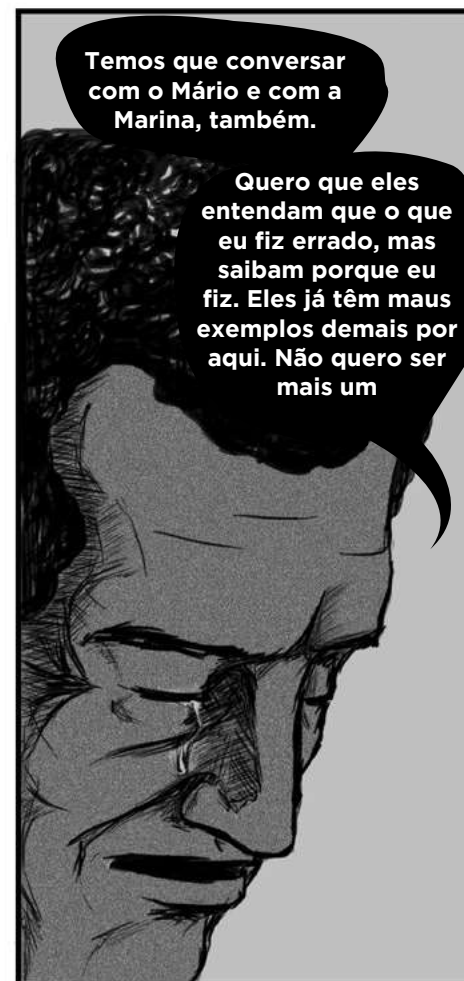
Obrigado, meu amor, por essa comida. Ainda nem comi, mas pelo cheiro já sei que está ótima!

Agora me deixa comer, porque já to cheio de fome, e saco vazio não para em pé.

Hahaha. De nada, meu bem.



Estava pensando no banho.



Temos que conversar com o Mário e com a Marina, também.

Quero que eles entendam que o que eu fiz errado, mas saibam porque eu fiz. Eles já têm maus exemplos demais por aqui. Não quero ser mais um



Vou conversar com meu chefe, amanhã. O Maicon tá de férias, e vou pedir pra cobrir as férias deles. Acho que fazendo umas horas extras, e pegando outro turno no sábado, eu consigo colocar essa conta em dia no mês que vem.

Tudo bem, querido. Só toma cuidado com a sua saúde.

Nós vamos economizar, e vamos colocar essa conta em dia. É só questão de tempo, e fazer um esforço



Não fala uma coisa dessas! Você é um ótimo pai, e um ótimo exemplo pros seus filhos. Amanhã eu converso com eles.

Além do mais, eles já são bem grandinhos. Já sabem diferenciar as coisas.



Agora vem aqui e me dá um abraço! Você já fez demais por hoje. Deixa essa louça comigo, e vai assistir o jogo com o Mário. Eu sei que você quer, e ele tá te esperando.

E vê se para de ficar pensando besteira!



Dá um espaço pra eu sentar.
Já começou o jogo?

Ainda não.
Vai começar agora.



Aquele cara que fez
um golaço, semana
passada, vai jogar.
Vai ser sinistro!



CLICK
CLICK



Toda noite eu tiro um tempo
pra ler a bíblia e orar.



Eu faço isso pra me conectar
com Deus.



Naquela noite eu estava preci-
sando dele ainda mais. Eu queria
conforto pra superar a tristeza
e a vergonha que eu estava dos
meus filhos, pelo que fiz.



Oi, Pai!

Oi, minha filha.
Vem aqui me dar
um beijo



Você demorou,
filha.
A aula acabou
mais tarde?



Não fui à escola.
Eu tava no sarau,
mas antes que você
reclame, eu não fui
porque o professor
faltou...

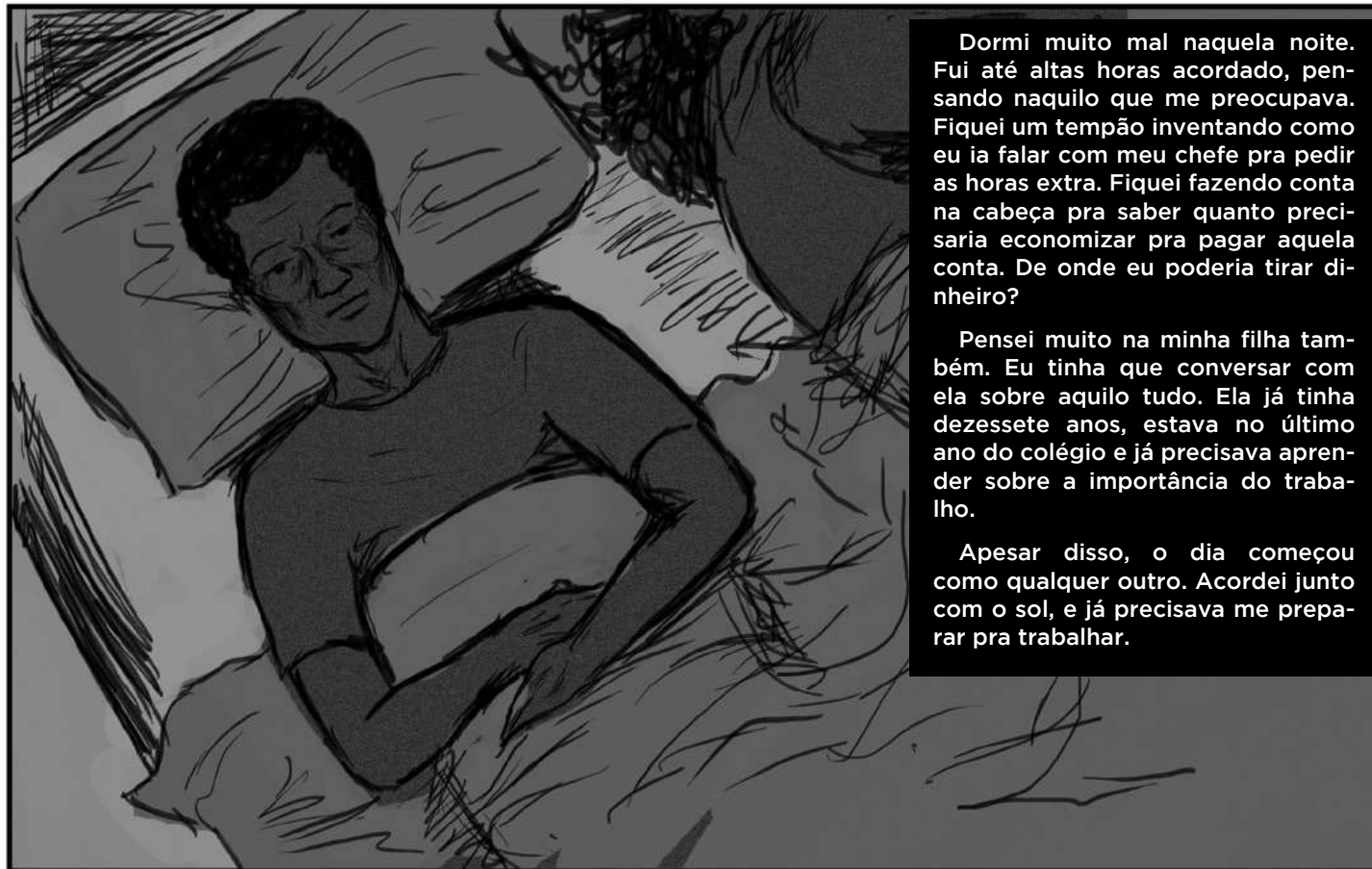
Então você não tem
aula e vai a sarau?
Sem dar satisfação à
ninguém? Você sabia
que sua mãe precisou
de você aqui? Você
devia estar aqui
ajudando ela!

Ai, pai, não começa!
Eu vou avisar a ela
que eu cheguei.



Eu precisava também pedir perdão. Eu nasci num lar cristão, com pais muito rígidos. Para eles, ser desonesto era a pior coisa que um homem podia fazer, e era indesculpável. Eu concordava. Até hoje. Me dei conta de que tinha algo que eu considerava mais importante do que a honestidade. Eu não poderia deixar minha família desamparada e sofrendo, porque eu estava sem dinheiro. Eu esperava que Deus pudesse me perdoar.

Eu me preocupava também com a minha filha, Maria Flor. Mais uma vez eu briguei com ela por causa daquele sarau. Eu entendia ela querer fazer arte. Aquilo era divertido para ela, mas eu não vinha futuro nenhum aquilo. Eu queria que ela se dedicasse ao trabalho e aos estudos, para garantir um futuro melhor que o meu. As vezes eu fico na dúvida e estou fazendo o certo. Mas lembro de quantas pessoas trabalharam duro, e conseguiram melhorar de vida. Espero que Deus dê sabedoria a ela.



Dormi muito mal naquela noite. Fui até altas horas acordado, pensando naquilo que me preocupava. Fiquei um tempão inventando como eu ia falar com meu chefe pra pedir as horas extra. Fiquei fazendo conta na cabeça pra saber quanto precisaria economizar pra pagar aquela conta. De onde eu poderia tirar dinheiro?

Pensei muito na minha filha também. Eu tinha que conversar com ela sobre aquilo tudo. Ela já tinha dezessete anos, estava no último ano do colégio e já precisava aprender sobre a importância do trabalho.

Apesar disso, o dia começou como qualquer outro. Acordei junto com o sol, e já precisava me preparar pra trabalhar.



A minha esposa, Marisete, é aposentada por problemas de saúde. Ela não pode trabalhar. Por isso, além de fazer doces pra fora, quando alguém pede, ela me ajuda cuidando da casa. Ela sempre acorda mais cedo que eu, e prepara tudo que pode pra me ajudar. Depois do meu banho, já encontro a roupa passada e estendida...

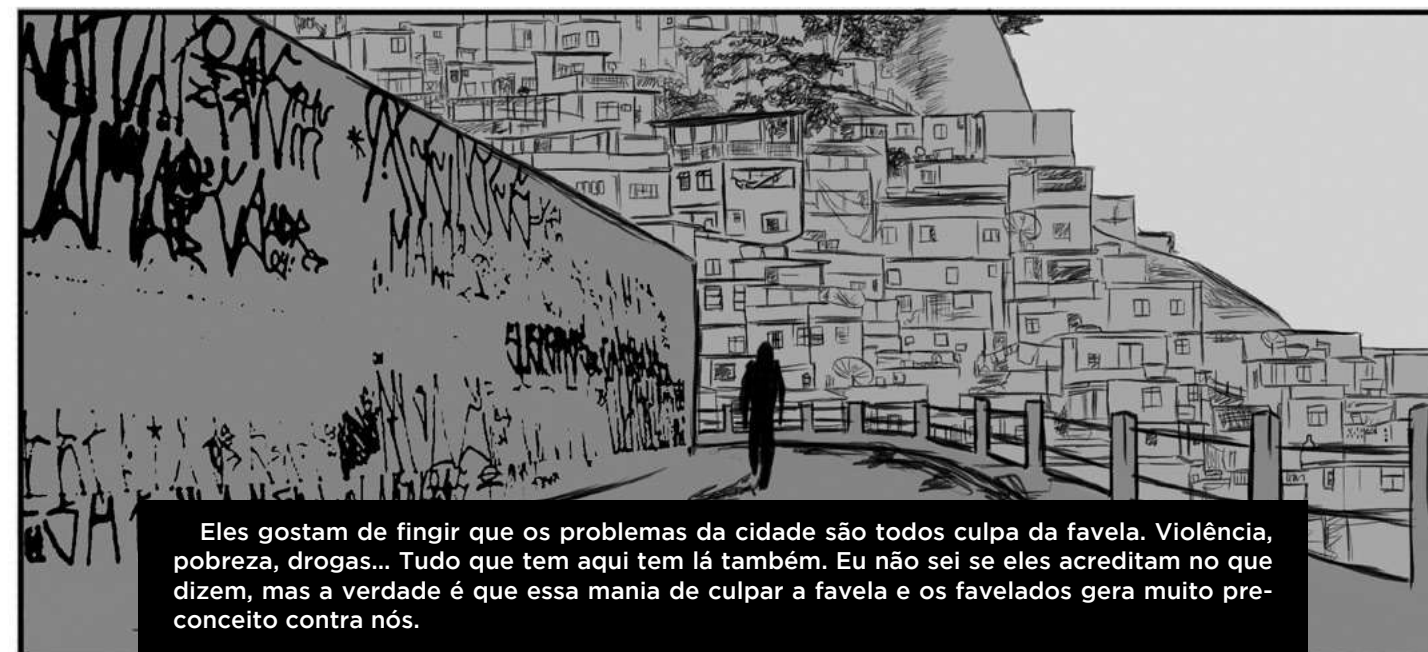
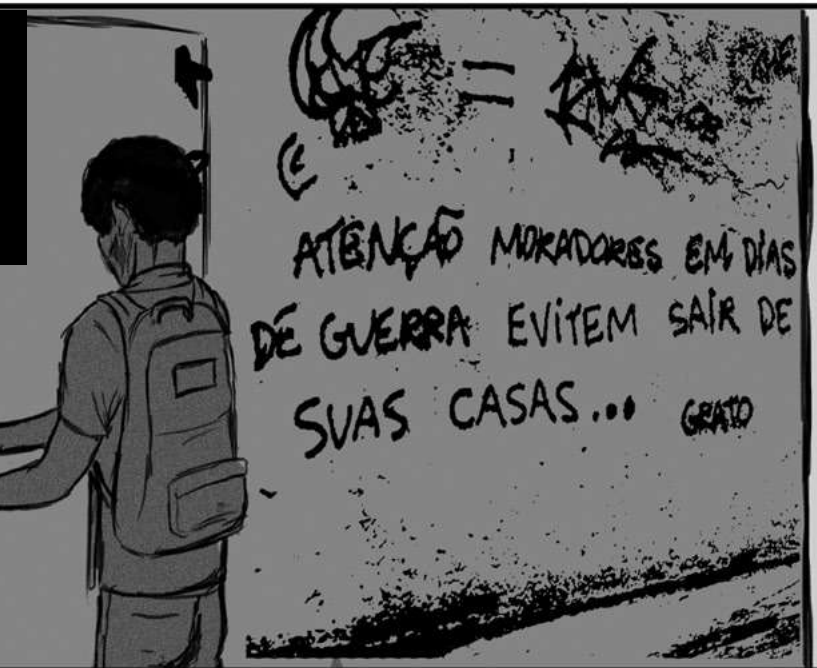


O café da manhã, ela também já deixou preparado. Ela sempre acorda antes de mim e me ajuda pra caramba. Ela volta a dormir, pra depois fazer a mesma coisa com nossos filhos.

Eu já disse pra ela várias vezes que não precisa disso. Que ela pode descansar que eu me viro. Mas eu sei que ela gosta de fazer esse agrado. E a verdade é que sem ela, eu teria que acordar muito mais cedo do que já acordo. Até a marmitta eu encontro na mochila, com tudo dentro. O Crachá, um lanchinho pra mais tarde, e uma roupa pra trocar na volta.



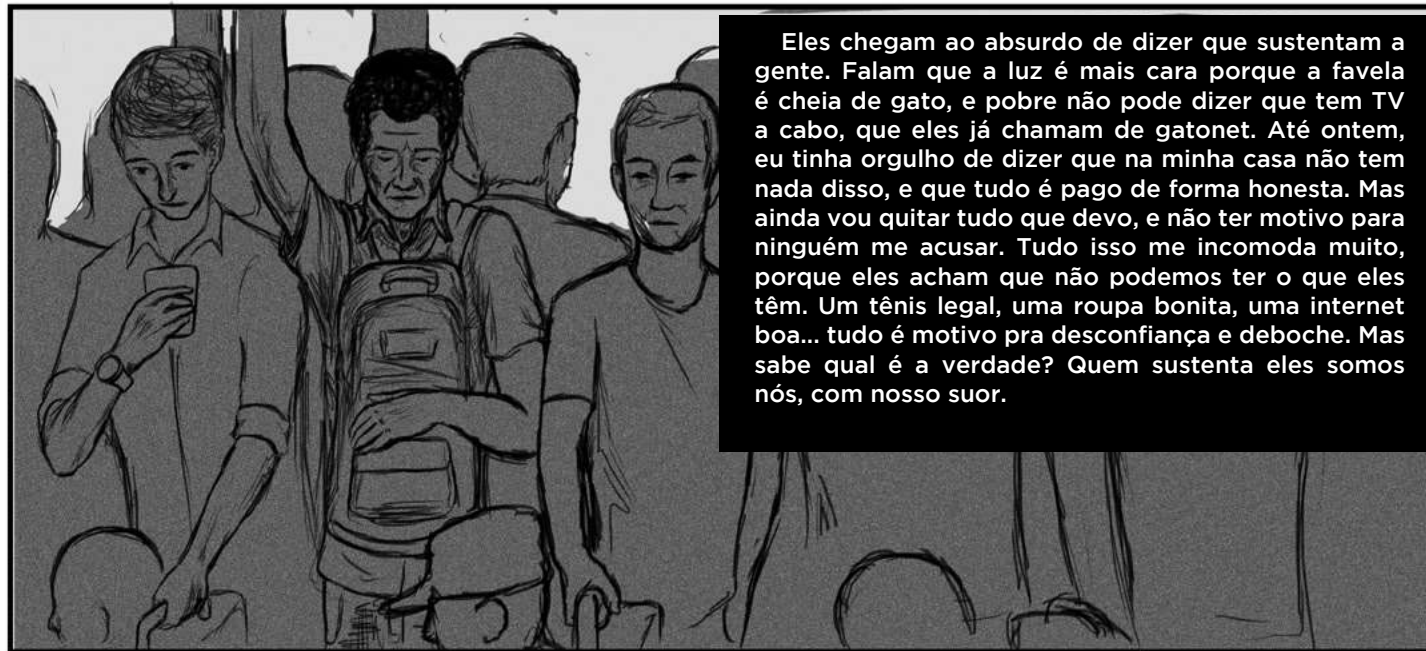
Esse é meu bairro. Eu moro em uma favela. As pessoas daqui costumam descer todo dia para trabalhar no "asfalto". Quem é do asfalto geralmente não sobe aqui. Por isso eles não sabem muito bem o que acontece aqui, a não ser pelo que passa nos jornais ou pelo que contam pra eles.



Eles gostam de fingir que os problemas da cidade são todos culpa da favela. Violência, pobreza, drogas... Tudo que tem aqui tem lá também. Eu não sei se eles acreditam no que dizem, mas a verdade é que essa mania de culpar a favela e os favelados gera muito preconceito contra nós.



Acho que no fundo tudo isso é proposital. Eles querem uma desculpa pra manter a gente afastado. Enquanto a favela for tão mal vista, eles têm a desculpa perfeita pra não se misturar com a gente, e só cruzar com favelado quando precisar da ajuda do faxineiro ou do porteiro, mas nunca numa praia ou num shopping. Até da nossa pobreza eles nos culpam. Dizem que não temos dinheiro porque somos acomodados e preguiçosos. A verdade que eu vejo, é que nós trabalhamos muito mais duro que eles.



Eles chegam ao absurdo de dizer que sustentam a gente. Falam que a luz é mais cara porque a favela é cheia de gato, e pobre não pode dizer que tem TV a cabo, que eles já chamam de gatonet. Até ontem, eu tinha orgulho de dizer que na minha casa não tem nada disso, e que tudo é pago de forma honesta. Mas ainda vou quitar tudo que devo, e não ter motivo para ninguém me acusar. Tudo isso me incomoda muito, porque eles acham que não podemos ter o que eles têm. Um tênis legal, uma roupa bonita, uma internet boa... tudo é motivo pra desconfiança e deboche. Mas sabe qual é a verdade? Quem sustenta eles somos nós, com nosso suor.



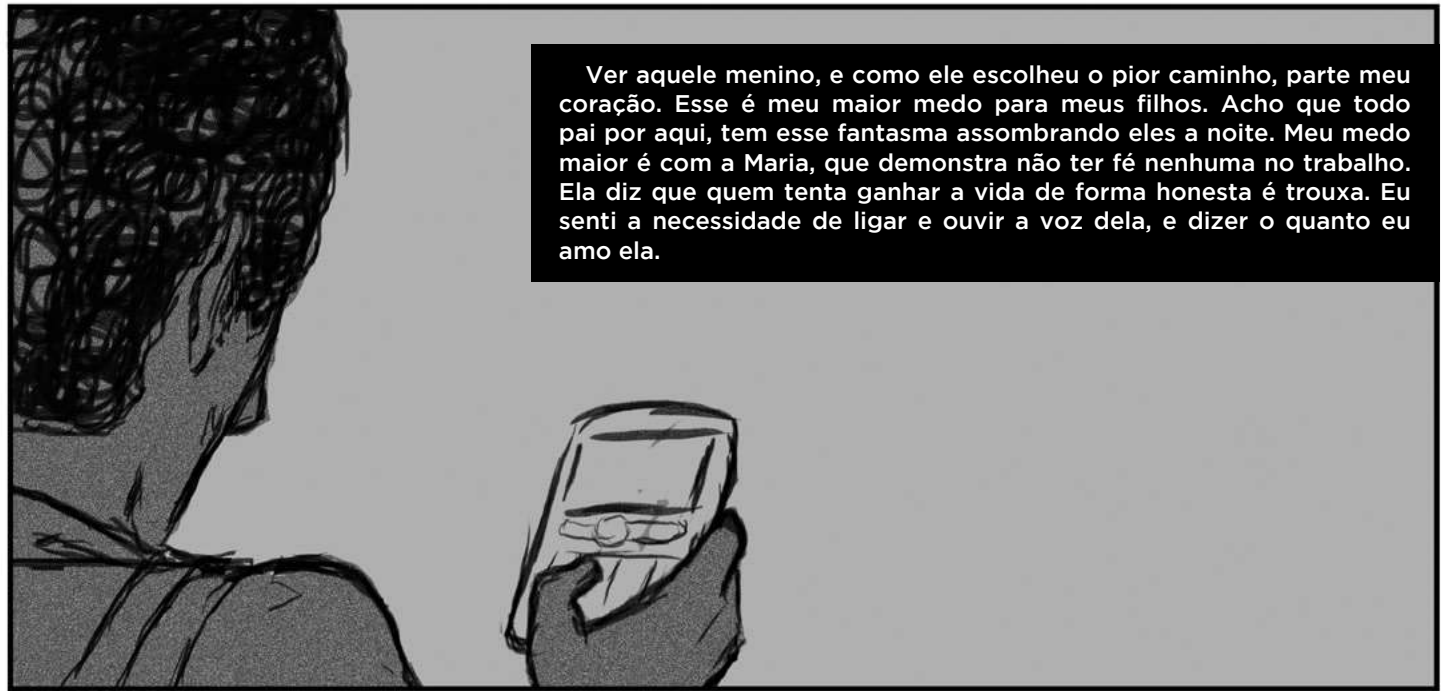
Eles pensam que a favela é só tiroteio e pagode. Mas nas minhas andanças entre lá e cá, percebi que tudo que eles têm, nós podemos ter bem aqui. Até pra me divertir, posso ir a pé da minha casa. Marisete e eu já cansamos de dançar na melhor roda de samba da cidade, que fica pertinho da nossa casa, no bar da dona Elvira.



Tem a rua do comércio aqui com tudo que a gente precisa. Dá pra achar gás, tem farmácia... o que não tiver lá, tem no mercado do seu Joel ou na vendinha da dona Maurineia. A gente só é obrigado a sair mesmo pra trabalhar, mas mesmo pra isso tem gente que não precisa mais. Até guia turístico aqui do bairro tem, pra mostrar pra turistada as vistas aqui das lages. As pensões daqui são disputadíssimas, e os restaurantes, nem se fala. A única coisa que infelizmente nós nunca vamos ter aqui é a praia de domingo, com uma cervejinha gelada. Se dependesse daquele povo da zona sul, nós nunca iríamos pisar lá, mas a gente não precisa da aprovação deles.



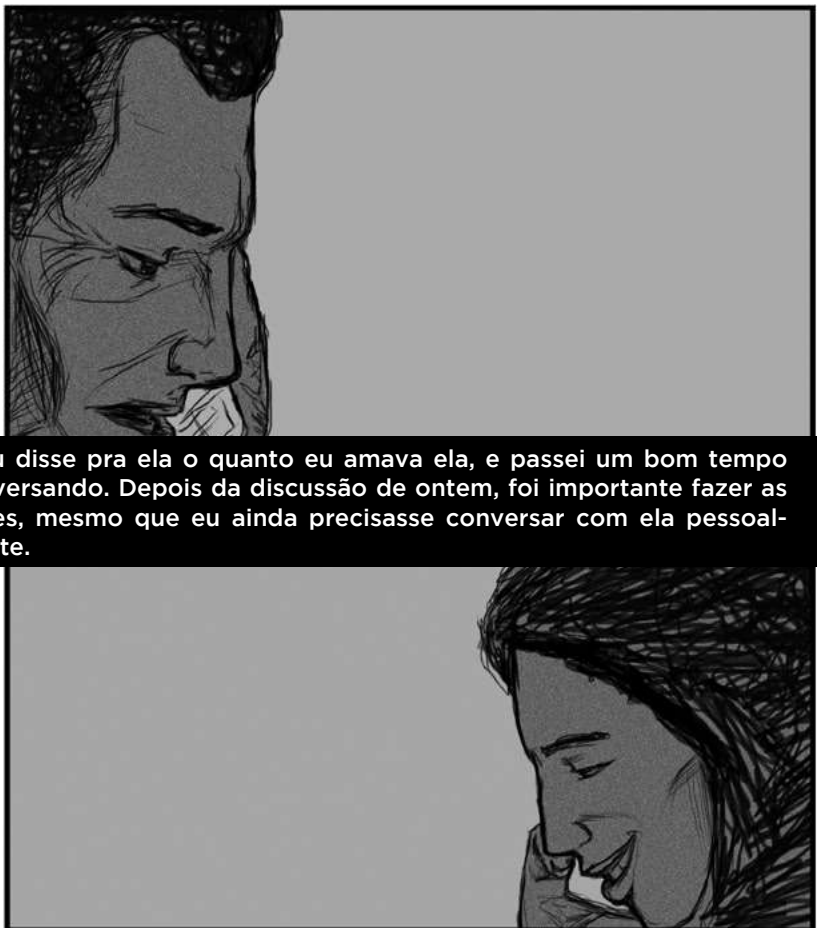
Por falar nesse lance de praia, se dependesse dos mais ricos, nós continuaríamos sem ter muita coisa. Mas de tudo que foi tirado daqui, o que mais me preocupa é a esperança das nossas crianças, que vai junto com o brinquedo ou a roupa de marca que eles querem, mas não podem. Sempre que passo na esquina da minha casa vejo de guarda o Bené. Ele é um menino que tem lá seus 16 anos. Lembro dele a pouco tempo atrás andando pra cima e pra baixo sem largar a bola dele. Hoje ele não larga o fuzil, que ganhou ano passado. Ele ganhou o fuzil depois de conseguir pagar a dívida pela pistola eo rádio que confiaram a ele quando ele tinha 13 anos. Sempre que vejo ele lembro dos meus filhos. E oro por todos esses garotos. Um dia vou ver o Bené sem aquele fuzil.



Ver aquele menino, e como ele escolheu o pior caminho, parte meu coração. Esse é meu maior medo para meus filhos. Acho que todo pai por aqui, tem esse fantasma assombrando eles a noite. Meu medo maior é com a Maria, que demonstra não ter fé nenhuma no trabalho. Ela diz que quem tenta ganhar a vida de forma honesta é trouxa. Eu senti a necessidade de ligar e ouvir a voz dela, e dizer o quanto eu amo ela.



Eu disse pra ela o quanto eu amava ela, e passei um bom tempo conversando. Depois da discussão de ontem, foi importante fazer as pazes, mesmo que eu ainda precisasse conversar com ela pessoalmente.



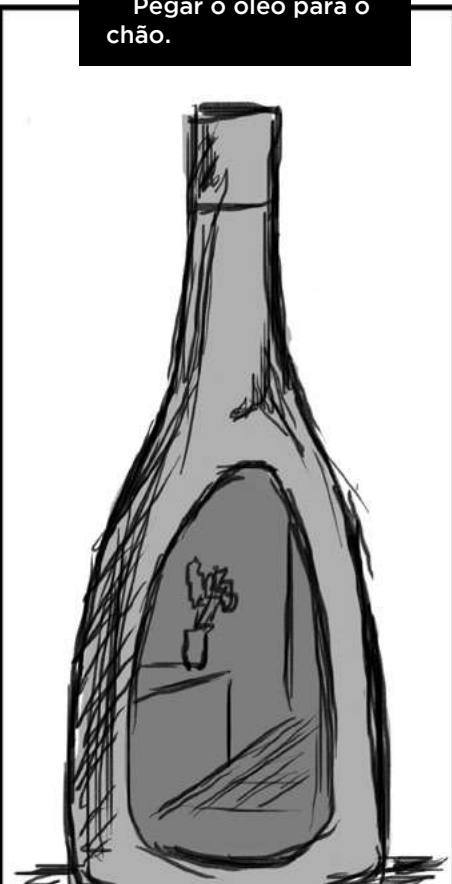
Ela estava saindo de casa para o curso técnico, e precisou desligar. Os irmãos estavam se arrumando pra escola, enquanto a mãe preparava as coisas deles. Eu estava em paz por ter a certeza que todos eles estavam bem. Comecei a planejar como seria meu dia, repassando tudo que eu faria, desde que chegasse, até a hora de ir embora. Na verdade, não havia muito o que planejar, já que todos os dias eram iguais, desde meu pai, que fazia o mesmo que eu. Confio nos meus filhos pra fazer algo diferente de faxina. Qualquer coisa que vestisse um terno ou um jaleco, e precisasse de diploma, já me faria feliz. Eles seriam iguais as pessoas que trabalham no prédio que eu limpo.



Umedecer o pano.



Envolver a vassoura.



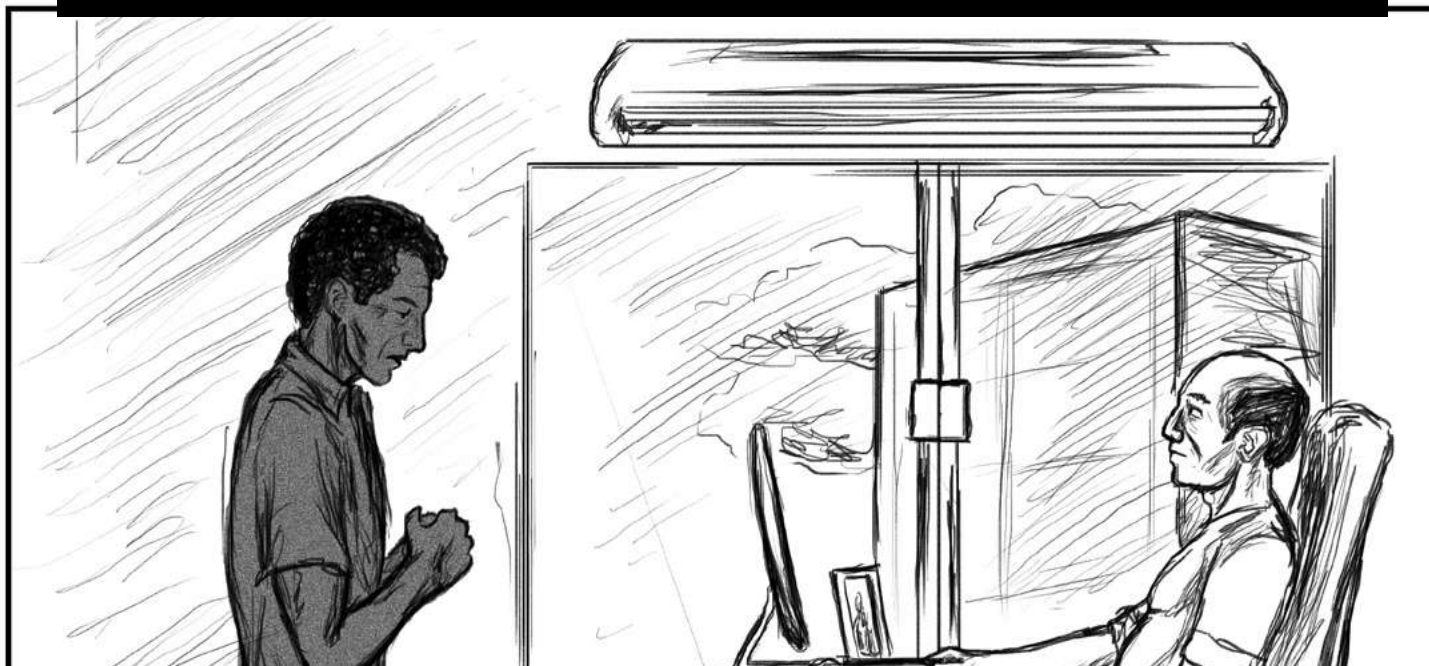
Pegar o óleo para o chão.

Eu ia começar o dia passando um pano úmido com óleo de lustrar no chão. Eu trabalhava em um prédio comercial, e fazia essa parte logo pela manhã, pra dar tempo de o chão secar antes dos figurões começarem a chegar. Se alguém levasse um escorregão, eu estaria com sérios problemas.

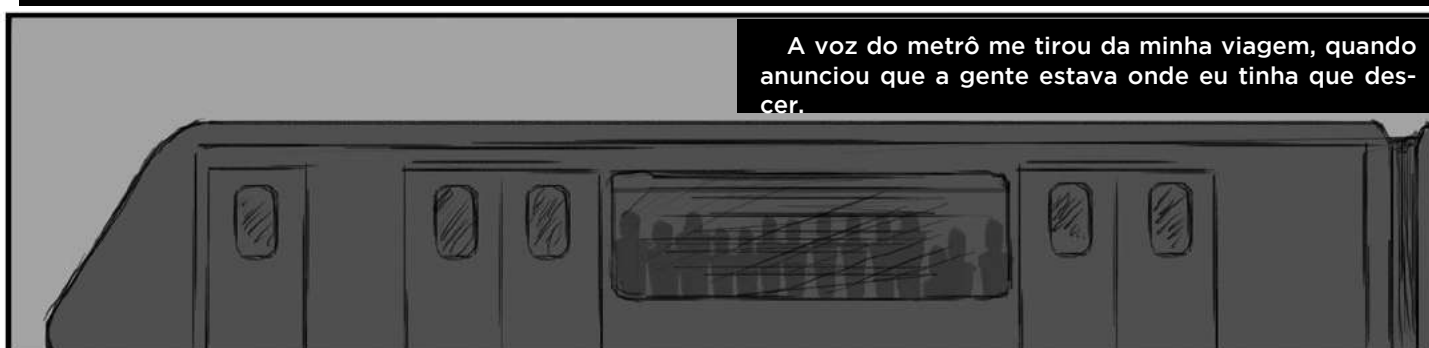




Antes do expediente começar, ainda dá tempo de limpar todas os espelhos, inclusive dos elevadores.



Na hora do almoço eu conversaria com meu chefe sobre fazer algumas horas extras. Eu já tinha ensaiado tudo que diria, e explicaria pra ele o problema da luz. Eu tinha sorte por ser um dos poucos profissionais de limpeza que ainda não era terceirizado, então eu poderia pedir esse tipo de coisa. O meu chefe era administrador de imóveis, e dono daquele prédio. Pra ele, o dinheiro que me pagaria a mais, não faria tanta diferença, e ele já tinha me ajudado em situações parecidas. Eu acreditava que ele aceitaria, mas ainda assim, tinha vergonha e um pouco de receio de pedir.



A voz do metrô me tirou da minha viagem, quando anunciou que a gente estava onde eu tinha que descer.



Depois de um mototáxi, um ônibus, um metrô e um pouco de caminhada, chego a Botafogo. Um dos metros quadrados mais caros do Rio, e um dos lugares mais lindos que já conheci. Por recomendação médica, desço uma estação antes do trabalho, e faço o resto do caminho a pé.



O médico me disse que um pouco de caminhada e uma dieta balanceada me ajudariam controlar os problemas de saúde que eu tenho. Tenho um pouco de tudo, mas nada que me impeça de trabalhar ainda. Mas além disso, sempre uso essa caminhada pra pensar um pouco na vida e relaxar. Mas agora é melhor eu me apressar, porque a noite mal dormida me fez acordar atrasado...





Foi tudo muito de repente, e, quando ví aquela faca, fiquei muito nervoso.

A garganta ficou seca, enquanto a testa ensopou de suor. O rosto tava quente, e a mão fria igual gelo... Eu tava tremendo, e até a voz tava ruim de sair. Não sabia qual tava mais pesado, o coração batendo ou a respiração. A cabeça tava a milhão, mas eu tentei me controlar, e responder.





O que tem aqui dentro?

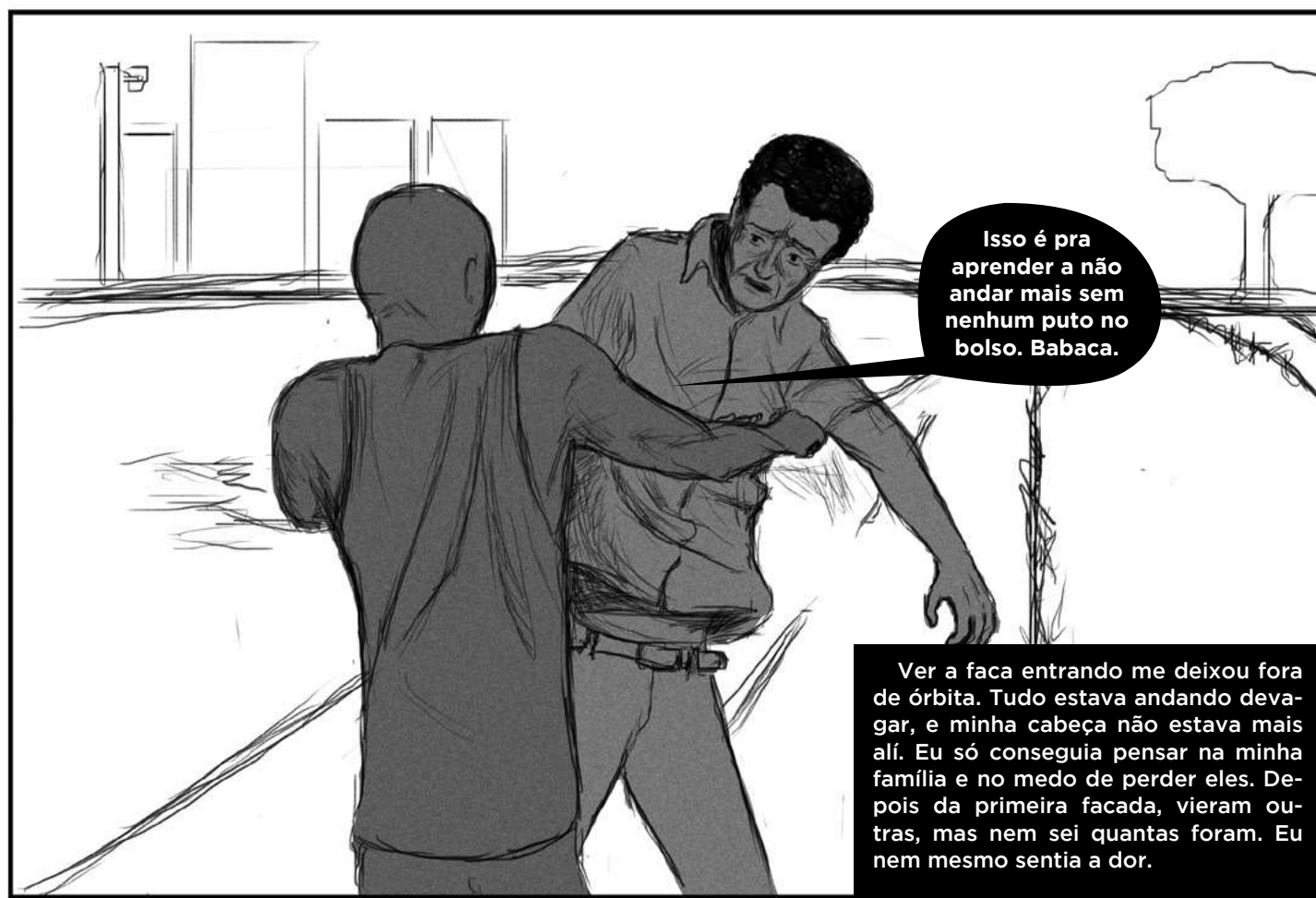
Tem só meu almoço e uma trouxa de roupa.



Ferrado desse jeito, deve ser uma merda de almoço. Toma, quero não.

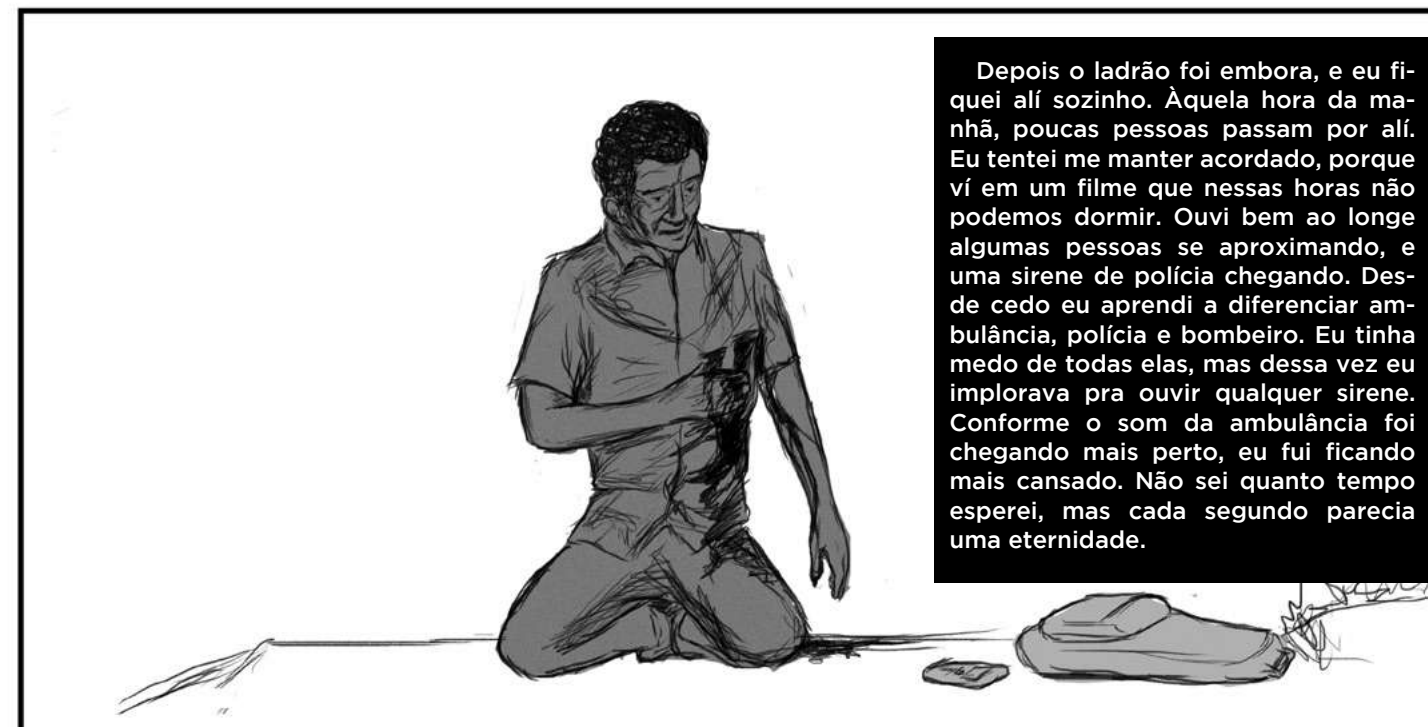


Só uma coisa, que eu já tava esquecendo.



Isso é pra aprender a não andar mais sem nenhum puto no bolso. Babaca.

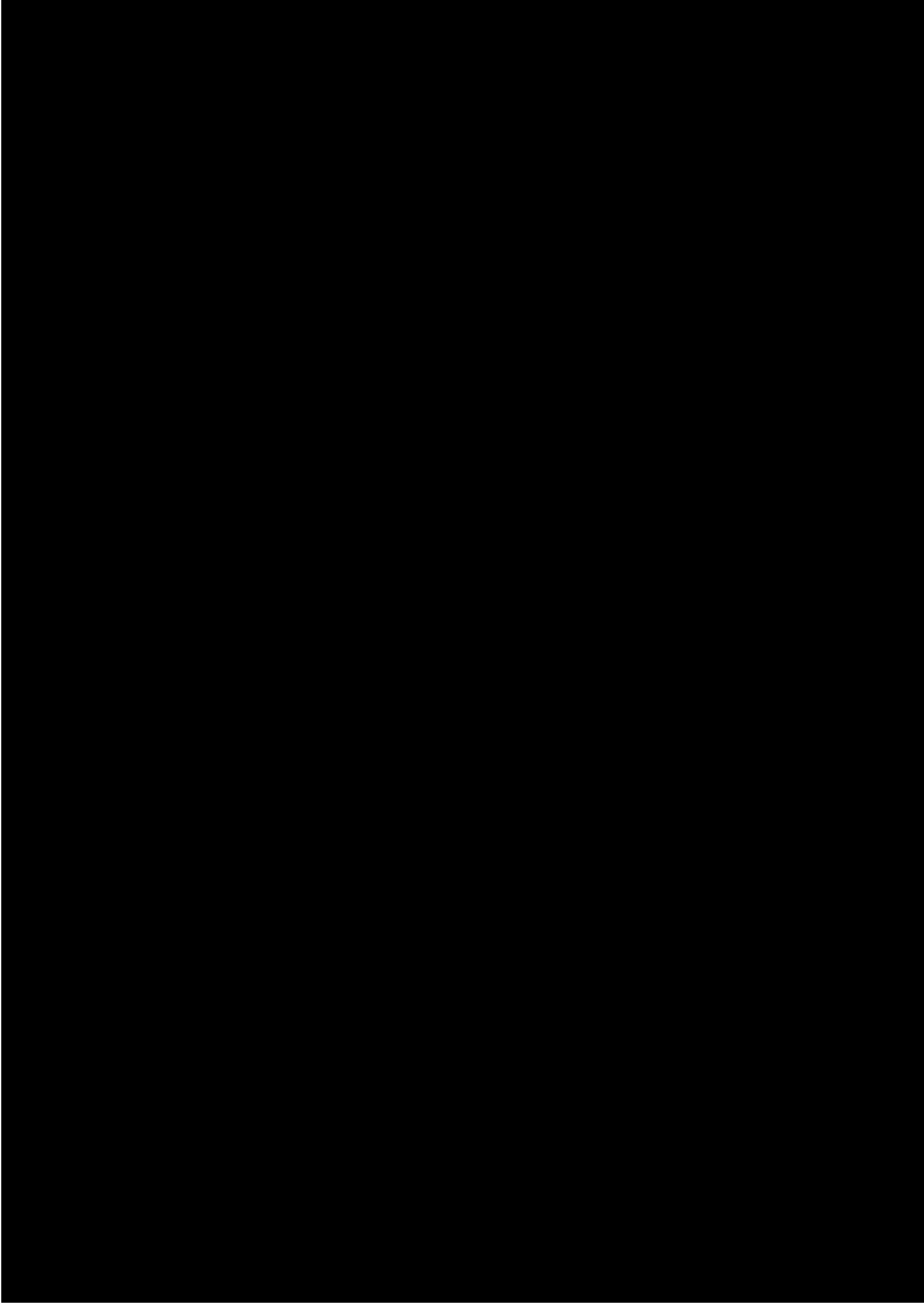
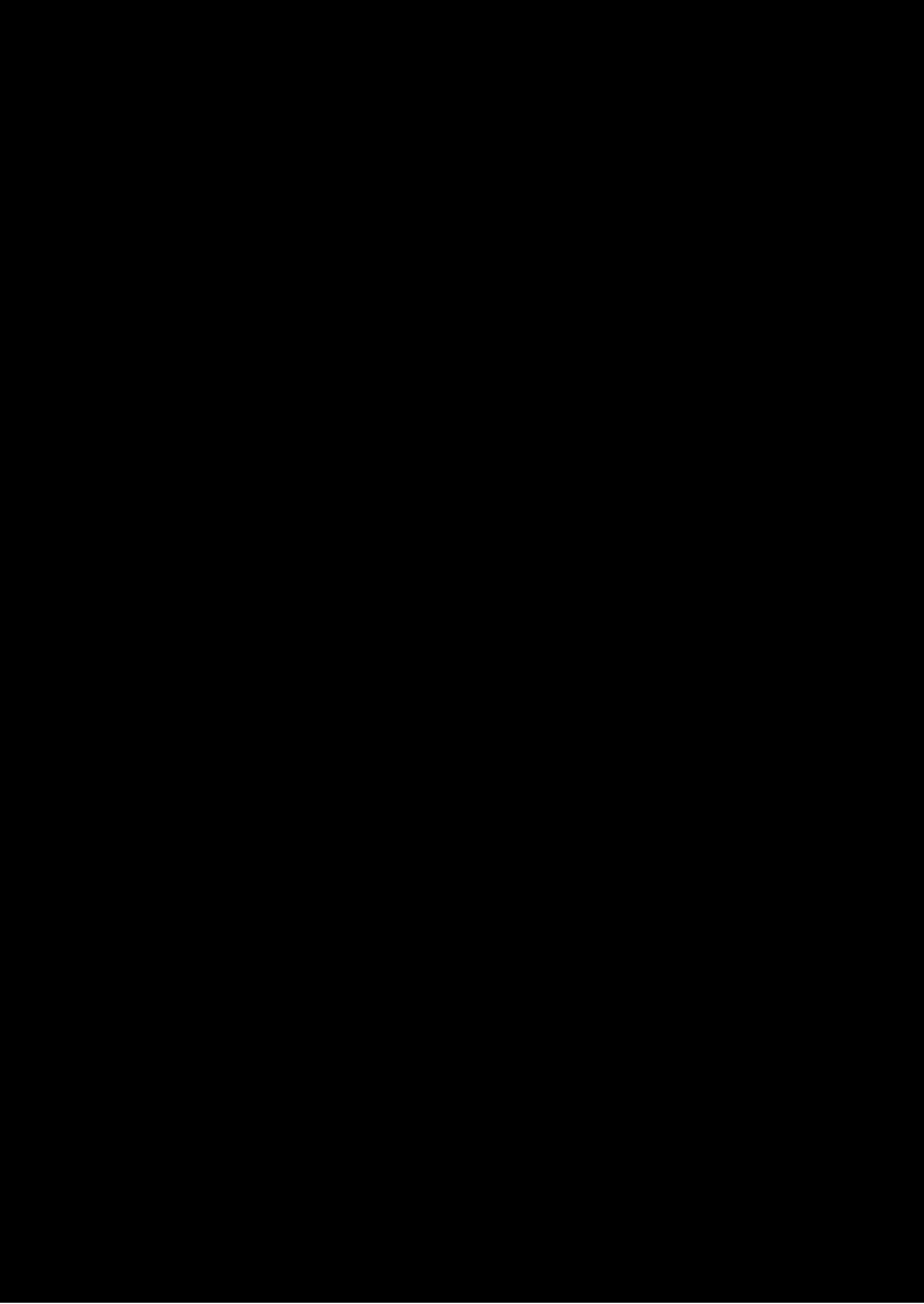
Ver a faca entrando me deixou fora de órbita. Tudo estava andando devagar, e minha cabeça não estava mais ali. Eu só conseguia pensar na minha família e no medo de perder eles. Depois da primeira facada, vieram outras, mas nem sei quantas foram. Eu nem mesmo sentia a dor.



Depois o ladrão foi embora, e eu fiquei ali sozinho. Àquela hora da manhã, poucas pessoas passam por ali. Eu tentei me manter acordado, porque vi em um filme que nessas horas não podemos dormir. Ouvi bem ao longe algumas pessoas se aproximando, e uma sirene de polícia chegando. Desde cedo eu aprendi a diferenciar ambulância, polícia e bombeiro. Eu tinha medo de todas elas, mas dessa vez eu implorava pra ouvir qualquer sirene. Conforme o som da ambulância foi chegando mais perto, eu fui ficando mais cansado. Não sei quanto tempo esperei, mas cada segundo parecia uma eternidade.

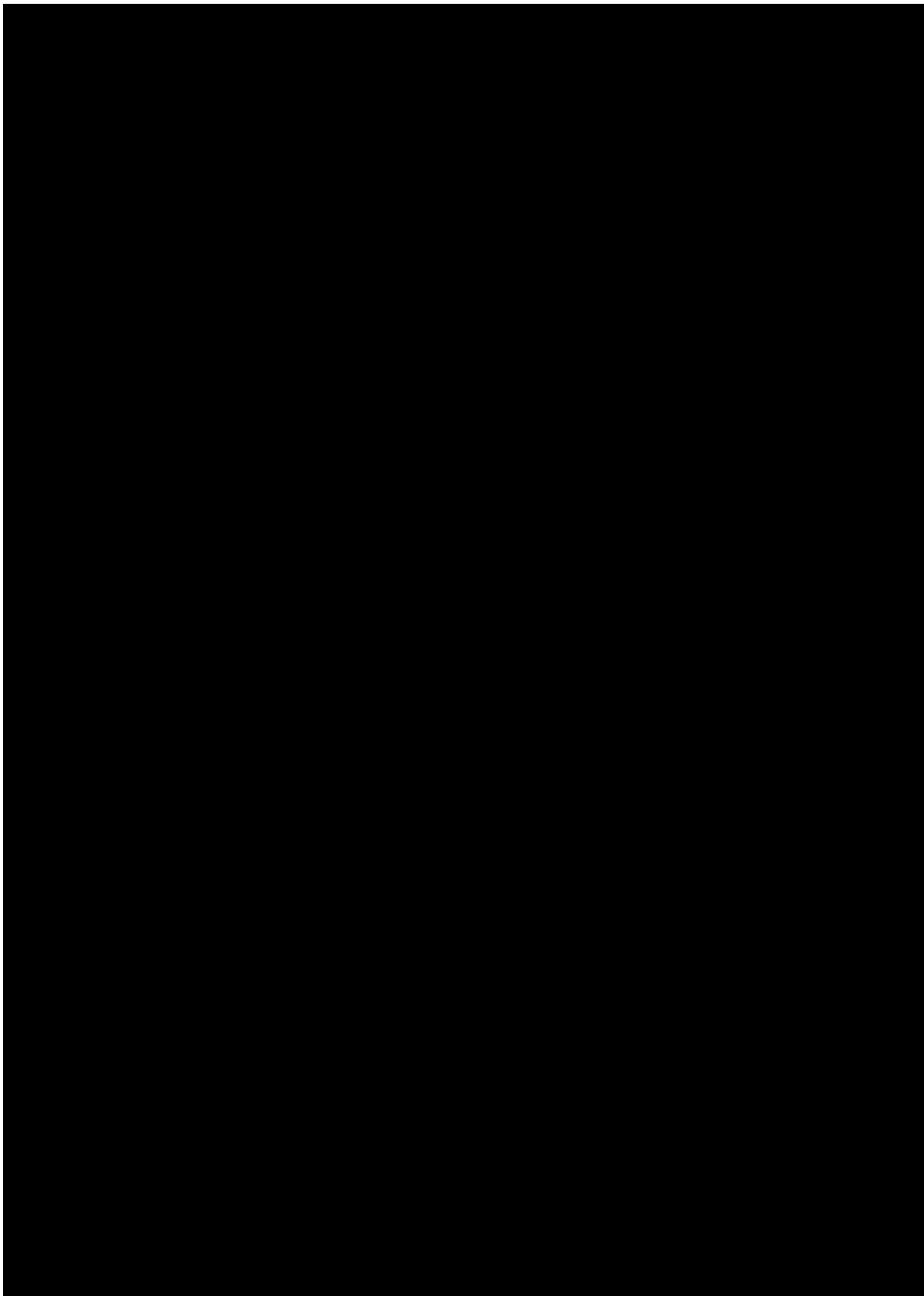


Eu pensei que agora que eu tinha ajuda, poderia descansar. E a fraqueza estava cada vez maior. Eu só sentia o peito ensopado do sangue quente. Com o tempo, nem isso eu sentia mais. Me deixei cair e esperar pela ajuda...



Acordei dentro da ambulância, com o toque da minha filha. Ela estudava por perto. Eu estava feliz por ela estar ali comigo, mas não queria que ela visse o pai dela naquele estado. Eu tentei falar com ela, mas a boca mexia sem sair nenhum som. eu dizia que eu estava errado. Que ela tinha que trabalhar sim, mas que tinha que correr atrás do sonho dela. Diria também como eu tinha orgulho da música dela, mesmo tendo ouvido tão poucas vezes. Ela falava algo que eu não conseguia entender. Mas eu estava em paz, por ter dito há pouco tempo, o quanto eu a amava. Já que eu não podia falar, eu apertei a mão dela o mais forte que pude. Eu espero que ela tenha entendido.





Epílogo

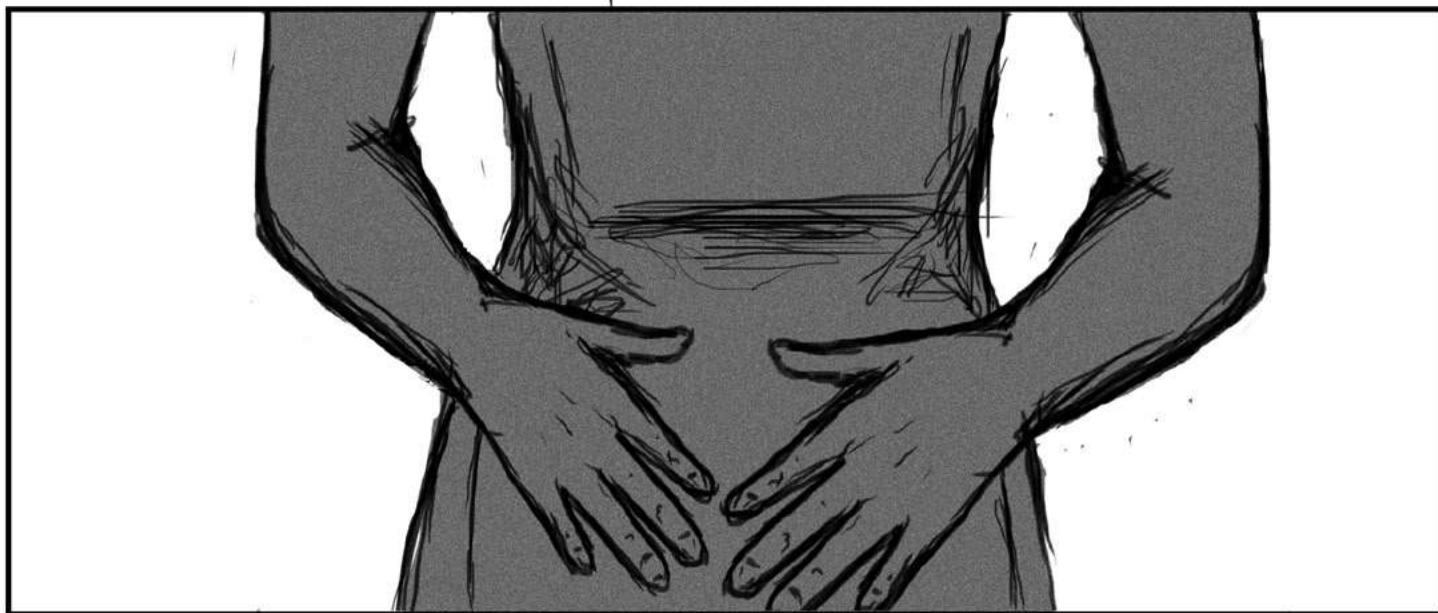
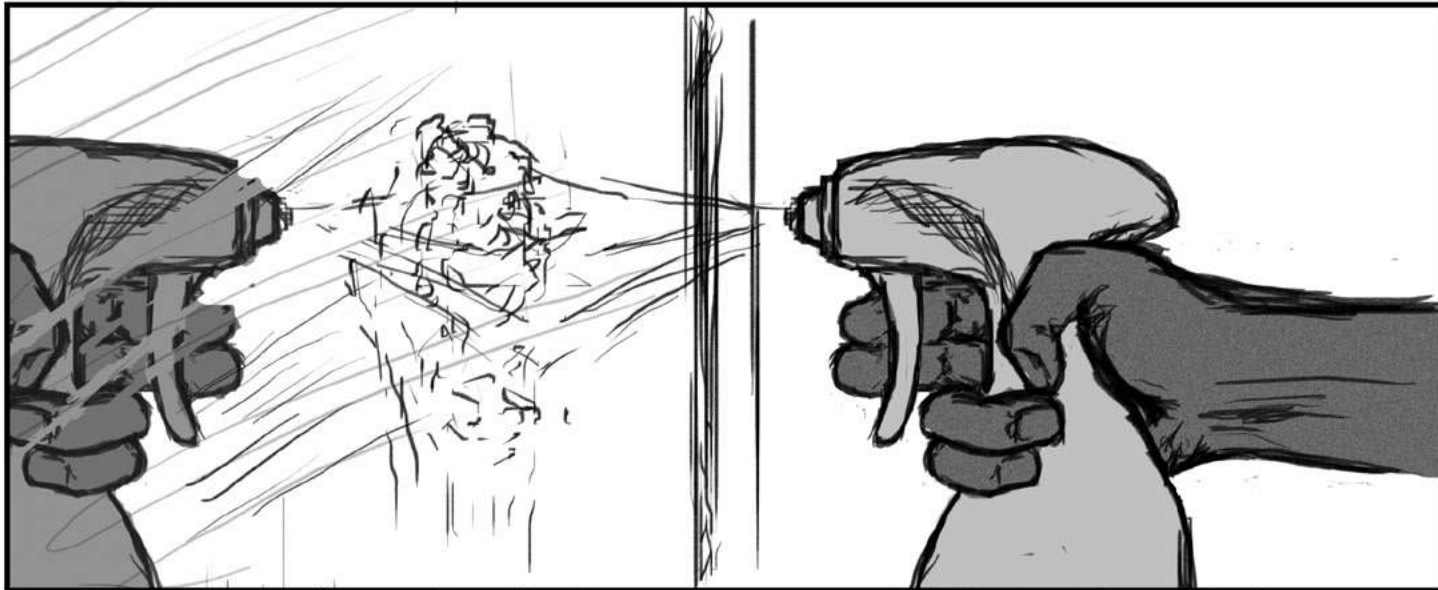




Avisa os moleques lá da boca pra deixar as armas aqui, descer lá e tacar fogo em tudo. Queima ônibus, pneu, a porra toda. Quero saber desses vermes vindo aqui esculachar morador não, muito menos subindo meu morro.

Como a manifestação era no pé do morro, até o tráfico, tendo uma operação policial dentro da favela, se envolveu na confusão.



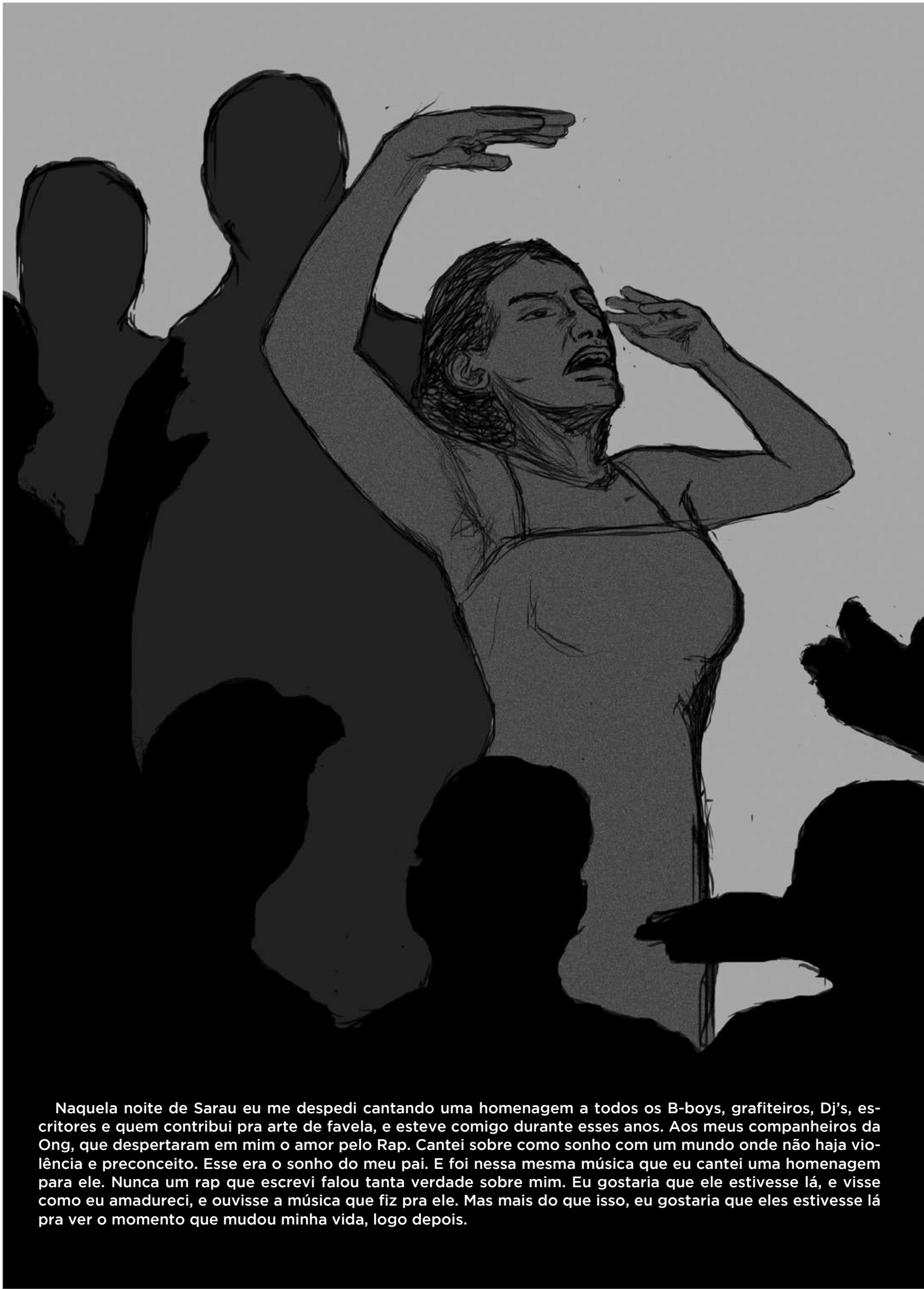


No dia da morte do meu pai, eu senti que ele queria me dizer algo naquela ambulância, mas não teve forças. Quando nos falamos por telefone, eu senti que ele não disse algo. Eu acho que ele queria me dizer pra cuidar da nossa família. Ele queria que eu entendesse sobre como era importante eu deixar o sarau de lado, e me preparar pra vida de trabalho duro.

Passamos necessidade depois da morte dele. Pouco tempo depois, falei com o chefe dele, e pedi o emprego do meu pai. Ele disse que me daria, mas que eu precisaria esperar até completar 18 anos. Foram três meses de dificuldades, e agora estou aqui, fazendo o mesmo trabalho que ele.

Eu lembro de uma conversa que ele teve comigo há muito tempo atrás. Ele me contou como teve que trabalhar desde cedo e largar os sonhos dele. Que eu não deveria fazer igual, mas deveria buscar sonhos que me permitissem trabalhar e me sustentar. Eu amadureci, e entendi a lição que ele queria me deixar. Hoje vai ser meu último sarau, e infelizmente vou ter que largar o rap, para pensar no trabalho e no bem da minha família. Estou largando o sonho da música, pra realizar o sonho de cuidar a minha família. Estou usando minha hora do almoço pra compor minha última música, que vou cantar hoje na minha despedida.





Naquela noite de Sarau eu me despedi cantando uma homenagem a todos os B-boys, grafiteiros, Dj's, escritores e quem contribui pra arte de favela, e estive comigo durante esses anos. Aos meus companheiros da Ong, que despertaram em mim o amor pelo Rap. Cantei sobre como sonho com um mundo onde não haja violência e preconceito. Esse era o sonho do meu pai. E foi nessa mesma música que eu cantei uma homenagem para ele. Nunca um rap que escrevi falou tanta verdade sobre mim. Eu gostaria que ele estivesse lá, e visse como eu amadureci, e ouvisse a música que fiz pra ele. Mas mais do que isso, eu gostaria que eles estivesse lá pra ver o momento que mudou minha vida, logo depois.



Oi, Maria, certo?
Me chamo Sheila,
e trabalho pra uma
gravadora. Estamos
começando um projeto
de rap, e notamos
que existem poucas
Mc's mulheres no
mercado. Queremos
lançar alguns novos
talentos no mercado.
Gostei muito de você
cantando, e gostaria
de saber se você
pretende fazer isso
profissionalmente.
Aqui está meu
cartão, se você se
interessar, me liga pra
conversarmos melhor.

Claro!

A todos que de alguma contribuíram para o processo desse quadrinho.

A **Paulo Pires**, que disponibilizou seu tempo e apoio para que esse projeto saísse. Agradeço por topar desde o início me auxiliar e orientar nesse desafio.

A **Izabelle Camacho**, que sempre me animou e inspirou com seu carinho e empenho. O resultado final desse quadrinho não é fruto do meu trabalho, e sim do nosso.

Aos meus **pais**, por todo o suporte passado e pelo que ainda virá. Obrigado por sempre terem caminhado comigo.

A **lucas Ribeiro**, por contribuir com o resultado final. Pelo auxílio naquilo que eu não conseguiria ter feito melhor sozinho.

Aos amigos, por fazerem a diferença com críticas e elogios.

A todos vocês, o meu muito obrigado.